

A HISTÓRIA SECRETA DA
MULHER-MARAVILHA
★
JILL LEPORE

Tradução
Érico Assis

1ª edição



Rio de Janeiro | 2017

SUMÁRIO

SPLASH PAGE 11



PARTE UM **Veritas** 17

PARTE DOIS **O círculo familiar** 107

PARTE TRÊS **Ilha Paraíso** 225

EPÍLOGO **Grande Hera! Voltei!** 343



FONTES E AGRADECIMENTOS 363

ÍNDICE DE QUADRINHOS 371

NOTAS 389



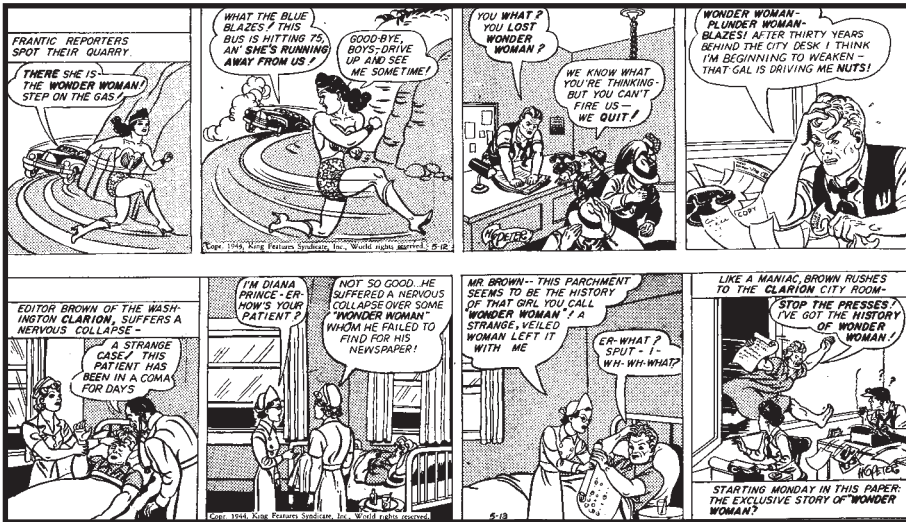
"Quem é ela?"

De *Wonder Woman* nº 1 (verão de 1942)

SPLASH PAGE

A MULHER-MARAVILHA é a super-heroína mais famosa de todos os tempos. Tirando o Superman e o Batman, não há personagem de gibi que tenha persistido por tanto tempo. Como todos os super-heróis, a Mulher-Maravilha tem uma identidade secreta; no entanto, diferente de todo super-herói, ela também tem uma origem secreta.

O Superman pulou prédios pela primeira vez em 1938. O Batman começou a espreitar as sombras em 1939. A Mulher-Maravilha aterrissou seu avião invisível em 1941. Era uma amazona, nascida em uma ilha de mulheres que viviam afastadas de homens desde a Grécia Antiga. Ela fora aos Estados Unidos para lutar pela paz, pela justiça e pelos direitos femininos. Tinha braceletes de ouro; podia ricochetear balas. Tinha um laço mágico; quem ela enlaçasse era obrigado a contar a verdade. Para proteger a sua identidade, adotou o disfarce de uma secretária chamada Diana Prince, funcionária do Serviço de Inteligência Militar dos Estados Unidos. Seus deuses eram deusas, e suas interjeições refletiam isso. “Grande Hera!”, gritava. “Safo sofredora!”, praguejava. Ela seria a mulher mais forte, mais inteligente e mais corajosa que o mundo já vira. Parecia uma *pin-up*. Em 1942, a Mulher-Maravilha foi recrutada para a Sociedade da Justiça da América e se uniu ao Superman, Batman, Joel Ciclone e Lanterna Verde — era a única mulher. Usava uma tiara de ouro,



Os jornalistas ávidos avistam sua presa.

“Lá está! A Mulher-Maravilha! Pisa fundo!”

“Homessa! Estamos a 120, e ainda assim ela ganha de nós!”

“Tchazinho, garotos! Apareçam outra hora!”

“O quê? Vocês perderam a Mulher-Maravilha?”

“Sabemos o que você está pensando. Mas não vai nos demitir — nós nos demitimos!”

“Mulher-Maravilha — Mulher-Armadilha! Depois de trinta anos de redação, acho que estou ficando mole!”

Essa moça vai me levar à loucura!”

Brown, editor do Clarion de Washington, tem um colapso nervoso...

“Que caso estranho! Faz dias que este paciente está em coma.”

“Sou Diana Prince — há — como está seu paciente?”

“Nada bem... Ele teve um colapso nervoso por causa de uma tal de ‘Mulher-Maravilha’ que não conseguiu encontrar para seu jornal!”

“Sr. Brown: acho que este pergaminho conta a história da moça que você chama de ‘Mulher-Maravilha’!

Uma mulher de véu, muito estranha, deixou-o comigo.”

“Hã? O quê? Pff! Eu... o-o-o quê?”

Brown corre como um maníaco até chegar à redação do Clarion...

“Parem as máquinas! Eu tenho a origem da Mulher-Maravilha!”

Segunda-feira, neste jornal, a origem exclusiva da “Mulher-Maravilha”!

Wonder Woman, tira de jornal (12-13 de maio de 1944)

um bustiê vermelho, short azul e botas de couro vermelho até o joelho. Ela era sexy, e era meio safada.

Ao longo das sete décadas em que cruzou continentes e oceanos, a Mulher-Maravilha nunca deixou de ser publicada. Seus fãs chegam aos milhões. Gerações de meninas levaram sanduíches em lancheiras

da Mulher-Maravilha. Contudo, nem os fãs mais ardorosos da heroína conhecem a verdadeira história da sua origem. Ela é tão misteriosa quanto um coração.

Em um episódio de 1944, um editor de jornal chamado Brown, louco para descobrir o passado secreto da Mulher-Maravilha, designa uma equipe de jornalistas para persegui-la. Ela foge deles com tranquilidade; mesmo usando botas de salto alto, a heroína corre mais rápido que o carro da reportagem e salta como um antílope. Brown, quase ensandecido, tem um colapso nervoso e é internado. A Mulher-Maravilha, com pena do editor, veste um uniforme de enfermeira e leva um pergaminho para ele. “Acho que este pergaminho conta a história da moça que você chama de ‘Mulher-Maravilha!’”, diz ela. “Uma mulher de véu, muito estranha, deixou-o comigo.” Brown salta da cama e, sem nem trocar a camisola do hospital, volta correndo à redação com o pergaminho em mãos, aos berros: “Parem as máquinas! Eu tenho a origem da Mulher-Maravilha!”

Brown estava louco. Ele não sabia a verdadeira origem da Mulher-Maravilha. Ele conheceu apenas sua lenda amazônica.

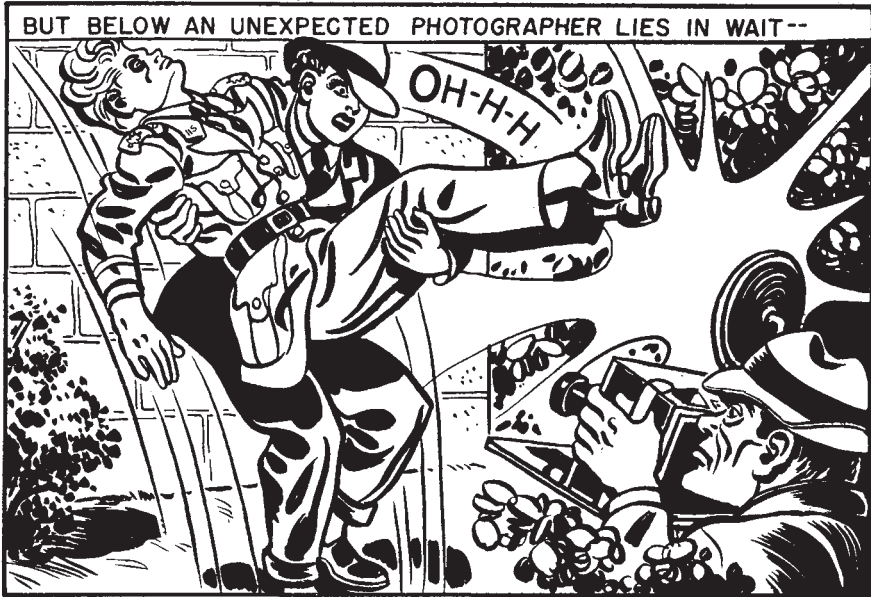
O que este livro mostra é outra coisa. *A origem secreta da Mulher-Maravilha* é o resultado de anos de pesquisa em dezenas de bibliotecas, arquivos e coleções, incluindo documentos particulares do criador da heroína, William Moulton Marston — documentos que nunca foram revelados a pessoas fora da família de Marston. Comecei pelo material publicado: jornais e revistas, a imprensa especializada e as revistas científicas, as tiras e os gibis. Depois fui aos arquivos. Não encontrei nada escrito em pergaminho, mas encontrei coisa melhor: milhares de páginas de documentos manuscritos e datilografados, fotografias e desenhos, cartas e cartões-postais, fichas criminais, anotações rabiscadas nas margens de livros, depoimentos de tribunal, prontuários médicos, memórias não publicadas, roteiros rascunhados, esboços, históricos de estudante, certidões de nascimento, documentos de adoção, registros militares, álbuns de família, álbuns de recortes, anotações para palestras, arquivos do FBI, roteiros de cinema, as minutas cuidadosamente datilografadas dos encontros de um culto sexual

e minúsculos diários escritos em código secreto. Parem as máquinas: eu tenho a origem da Mulher-Maravilha.

A Mulher-Maravilha não é apenas uma princesa amazona que usa botas fabulosas. Ela é o elo perdido numa corrente que começa com as campanhas pelo voto feminino nos anos 1910 e termina com a situação conturbada do feminismo um século mais tarde. O feminismo construiu a Mulher-Maravilha. E, depois, a Mulher-Maravilha reconstruiu o feminismo — o que nem sempre fez bem ao movimento. Super-heróis, que deveriam ser melhores do que todo mundo, são excelentes para dar porrada, mas péssimos para lutar por igualdade.

No entanto, a Mulher-Maravilha não é a típica personagem de gibi. Os segredos e a narrativa que este livro revela a situam não só dentro da história dos quadrinhos e dos super-heróis, mas também no fulcro das histórias da ciência, do direito e da política. O Superman tem sua dívida com a ficção científica, o Batman, com os detetives particulares. Porém, a dívida da Mulher-Maravilha é com a utopia feminista e com a luta pelos direitos das mulheres. Suas origens estão no passado de William Moulton Marston e na vida das mulheres que ele amou — elas também criaram a Mulher-Maravilha. Ela não é a típica personagem de gibi porque Marston não era um homem comum e sua família não era uma família comum. Marston era um polímata. Era um especialista em falsidade: foi o inventor do exame do detector de mentiras. Sua vida era sigilosa: ele tinha quatro filhos com duas mulheres e todos moravam juntos, sob o mesmo teto. Eram mestres na arte da dissimulação.

O esconderijo predileto deles eram os quadrinhos que produziam. Marston era pesquisador, professor e cientista; a Mulher-Maravilha começava num campus universitário, numa sala de aula e num laboratório. Marston era advogado e cineasta; a Mulher-Maravilha começava num tribunal e num cinema. As mulheres que Marston amava eram sufragistas, feministas e defensoras do controle de natalidade. A Mulher-Maravilha aparecia em uma manifestação pública, um quarto,



Mas, lá embaixo, um fotógrafo sorrateiro os aguarda...

Mulher-Maravilha, disfarçada de homem, tenta esconder Steve Trevor ferido dos jornalistas.

De "Isca da Máfia", história não publicada da *Sensation Comics*

uma clínica de controle de natalidade. O bustiê vermelho é só o começo. O mundo não sabia, mas Margaret Sanger, uma das figuras mais influentes do século XX, fazia parte da família Marston.

A Mulher-Maravilha vem lutando pelos direitos das mulheres há muito tempo. Lutas acirradas, mas nunca vencidas. Esta é a história de suas origens — a fonte de toda a maravilha, assim como de todas as mentiras.

★ PARTE UM ★

VERITAS



Prof. Homos, o famoso antropólogo da Holliday College, dá informações importantes às alunas mais aplicadas. "Meninas, tenho um comunicado maravilhoso a fazer-lhes!"

De "Nas garras de Nero", *Sensation Comics* nº 39 (março de 1945)



HARVARD TEM MEDO DA SRA. PANKHURST?

WILLIAM MOULTON MARSTON, que acreditava que as mulheres deviam dominar o mundo, chegou à prematura e não natural conclusão, na impetuosa idade dos 18 anos, de que era hora de morrer. Ele era precoce em tudo.



O Castelo Moulton, Newburyport, Massachusetts

Moulton, no entanto, havia chegado ao mundo deveras atrasado — ou assim pensava sua mãe. Ela passara anos sob considerável pressão



As irmãs Moulton no Castelo Moulton em 1885.
Da esquerda para a direita: Susan, Claribel, Molly, Alice e Annie

para trazê-lo ao mundo. Tinha quatro irmãs. Seu único irmão morreria em 1861; logo depois, o pai enlutado construiu uma mansão em estilo medieval no norte de Boston, onde trancou-se numa biblioteca gótica na mais alta de suas torres ameaçadas para escrever o tratado *Anais da história Moulton*, no qual traçava a linhagem da família desde a Batalha de Hastings, em 1066. Um dos Moulton fora signatário da Magna Carta; outro — “esguio, de peito largo, braços compridos, fôlego profundo, membros fortes” — havia figurado nas páginas dos *Contos dos cruzados* de Sir Walter Scott. Medindo-se frente à bravura desses homens, era muito provável que o cronista, um pusilânime veterano da Guerra de Secessão, se decepcionasse. (“Evidenciou-se a iniciativa do capitão Moulton na tentativa de fundar uma grande empresa de fabricação de vagões de trem”, escreveu ele sobre si mesmo.) Quanto mais aprofundava suas pesquisas, mais nervoso ficava em relação às suas descendentes: meninas que flanavam pelo parquete do Castelo Moulton com seus vestidos de renda, cinturinhas de vespa, cabelos trançados em

pillhas vacilantes sobre o coco. Susan e Alice nunca se casaram; Claribel e Molly ficaram esperando a hora certa. Sobrara Annie, a professorinha de colégio. Em 1887, ela se casou com Frederick William Marston, comerciante de tecidos finos para ternos; ele era, segundo as fofocas, indigno de Annie. E assim veio a ocorrer que, diante deste casal pouco auspicioso, o capitão Moulton fincou a sucessão de sua linhagem que remontava à Conquista da Normandia. Enfim, em 1893, aos tardios 34 anos, Annie Moulton Marston deu à luz um menino. Batizaram-no William. O conquistador.¹



William Moulton Marston em 1894

Pode-se dizer, portanto, que foi em parte traição e em parte devido ao espírito dessas origens românticas que, no inverno de 1911, William Moulton Marston, 18 anos, aluno de Harvard, obteve um frasco de ácido cianídrico com um químico de Cambridge, com o qual preparava-se para tirar a própria vida.

William nasceu numa casa vitoriana de três andares na Avon Street, em Cliftondale, Massachusetts. Era muito paparicado. Tanto a mãe quanto as tias, não tendo outra ocupação, dedicavam-se a adorá-lo. Estava sempre no colo de uma. Os jantares de domingo eram no Castelo Moulton. Ele gostava de estimar a distância entre o genuíno e o falso e colecionava aves empalhadas. Ganhou seu primeiro prêmio escolar aos 7 anos de idade. Tinha ambições literárias: escrevia poemas, contos e peças de teatro.² Sua mãe já detectava sinais de genialidade.

A filosofia juvenil de Marston quanto ao suicídio é o que ocorre quando o pragmatismo, alimentado pela observação, encontra espaço para florescer na casa de uma criança bastante sagaz que não foi muito questionada pelos pais. Na Avon Street, um vizinho dos Marston



Marston em 1911, calouro em Harvard

certo dia olhou-se no espelho do banheiro e disse: “Ah, com os diabos” e cortou a própria garganta.³ O menino remoía essa ideia na cabeça. Ele explicou posteriormente: “Desde os 12 anos até próximo dos trinta, eu acreditava veementemente no suicídio.” Se o sucesso podia ser alcançado com facilidade, raciocinava Marston, a vida valia a pena ser vivida; se não, “a única coisa sensata a fazer era pedir as contas”.⁴

Marston, de início, não estava inclinado a pedir as contas: triunfava em tudo que se propunha a fazer. Ele se tornou alto e diabolicamente bonito, mesmo com orelhas levemente de abano. Seu cabelo era escuro e encaracolado; o queixo era pronunciado, com uma covinha. Passou de filhote a leão. Na oitava série, na Escola Primária Felton, apaixonou-se por um garota inteligente e magrinha chamada Sadie Elizabeth Holloway. A menina tinha uma mente afiada. Era uma manesa — da Ilha de Man — que tinha ido morar na Nova Inglaterra. No ano seguinte, William foi eleito presidente da turma e ela, secretária de classe; não havia outro resultado concebível para ambos.⁵ Talvez tenha sido aí que ele disse a ela que os dois batizariam seu primeiro filho de Moulton.

No Colégio Malden, Marston foi eleito historiador da turma, presidente da Sociedade Literária e editor-chefe da revista literária *Oracle*. Escreveu um texto sobre a turma em forma de um diálogo com Clio, a deusa da história, “ela, a primeira de todas as ninfas a emergir de Zeus”. Presidiu um debate sobre o voto feminino. Jogava futebol americano: com um metro e oitenta de altura, quase noventa quilos, virou *left-guard*. No ano em que se formou, sua equipe venceu o campeonato estadual. Quando Charles W. Eliot, presidente emérito de Harvard, foi palestrar à turma de formandos,

Marston decidiu onde estava seu destino. “O efeito de Harvard sobre a vida posterior de um homem não pode ser estimado”, ele escreveu na *Oracle*.⁶ Em seu formulário de inscrição, no espaço intitulado “Ocupação pretendida”, escreveu uma só palavra: “Direito”.⁷ Sua mente era desprovida de qualquer dúvida quanto a ser aceito na universidade.

Mudou-se para Cambridge em setembro de 1911, carregando um baú cheio de ternos e livros para morar num quarto de pensão atulhado na esquina da Hancock Street com a Broadway, a leste do Harvard Yard. E foi lá que, pela primeira vez, deparou-se com um obstáculo.

“Tive que cursar muitas disciplinas que odiei”, explicou. Inglês A: Retórica e Composição era uma cadeira obrigatória para calouros. “Eu queria escrever; no Inglês A de Harvard, não nos deixavam fazer isso”, ele reclamou. “Era para aprender ortografia e pontuação. Se você escrevesse qualquer coisa por vontade própria, cuja escrita apreciasse, seu texto era reprovado por um lápis vermelho.”⁸

“No meu primeiro ano”, Marston escreveu, “decidi que havia chegado minha hora de morrer.”⁹ O Inglês A o havia arrasado. No entanto, a disciplina que o convencera a se matar fora História I: História Medieval, lecionada por Charles Homer Haskins.¹⁰ Haskins, que ostentava um bigode frondoso e encerado, era reitor da pós-graduação. Interessava-se pela escolástica medieval, tema de sua estupefaciente monografia *The Rise of Universities* [A ascensão das universidades, em tradução livre]. Mais tarde, ele viria a fundar o Conselho Americano das Sociedades Instruídas. A Idade Média do professor Haskins não tinha nem metade das estripulias aventurescas que havia nos *Anais* do capitão Moulton: Haskins preferia acadêmicos a cavaleiros.

A disciplina de História levantava questionamentos sobre a natureza da verdade. Numa das aulas que Haskins dava aos calouros, ele diferenciava o estudo do passado da investigação da natureza. “O biólogo analisa plantas e animais; o químico ou o físico conduz experimentos no laboratório, em condições controladas”, disse Haskins. “O historiador,

por outro lado, não pode realizar experimentos, e raramente pode observar.” Em vez disso, o historiador precisa recolher suas próprias evidências, sabendo, o tempo todo, que muitas delas serão inúteis e grande parte não será confiável.¹¹ Haskins adorava manusear a gaveta bagunçada do passado para encontrar pedras preciosas entre os cacos de vidro. Para Marston, tudo naquela gaveta era lixo.

“Eu não estava nem aí para quem havia se casado com a irmã da bisavó de Carlos Magno, nem onde Felipe tinha tomado café da manhã no dia que escreveu uma carta ao papa”, Marston explicou. “Não estou dizendo que tais fatos são irrelevantes, mas apenas que eles não me interessavam e que eu era obrigado a aprendê-los. Assim, tomei providências para conseguir ácido cianídrico com um químico amigo meu.”¹²

Ácido cianídrico mata em menos de um minuto. Tem cheiro de amêndoas. É o mesmo veneno que Henry Jekyll usa para se suicidar em *O médico e o monstro*, conto publicado em 1886 que Marston lera quando criança, sob os beirais em seu quarto na Avon Street — a história de um homem que se transforma em monstro.¹³

O que deteve a mão de Marston ao tomar o frasco foi o estudo da existência em si. Havia uma disciplina que ele amava — Filosofia A: Filosofia Antiga. Quem a lecionava era George Herbert Palmer, um frágil homem de 69 anos e com a vista fraca, professor da Cadeira Alfred de Filosofia e diretor do Departamento de Filosofia de Harvard. Palmer tinha cabelos finos, brancos e compridos, sobrancelhas grossas e pretas, olhos azuis e um bigode de morsa. Morava na Quincy Street, nº 11, onde vivia enlutado pela morte da esposa, Alice Freeman Palmer, outrora presidente da Wellesley College, paladina da instrução feminina e sufragista. Ela falecera em 1902. E o marido se recusava a abandonar o luto. “É grosseria deixar que os mortos morram por completo”, ressaltava o professor, com perfeita sensatez.¹⁴

No início da carreira, Palmer fizera uma tradução resplandecente da *Odisseia* — seu objetivo, dissera ele, era mostrar “que a história, mais que mero registro de fatos, é toda poesia, iluminada pelo brilho da

glória”. Contudo, sua maior contribuição para o avanço da filosofia foi convencer William James, Josiah Royce e George Santayana a afiliar-se ao que posteriormente se tornou o “Grande Departamento”: o corpo docente da faculdade de Filosofia em Harvard.¹⁵

Palmer acreditava que a chave para ser professor era a imaginação moral, “a capacidade de me colocar no lugar do outro, pensar com suas ideias e declarar com força suas convicções mesmo quando estas não são as minhas”. Ele “lecionava em versos sem rima e fazia o hedonismo grego tornar-se vivaz e essencial”, disse Marston.¹⁶

No outono de 1911, a cadeira de Filosofia A começou com a história da própria filosofia. “Segundo Aristóteles”, Palmer disse à turma, com Marston sentado e enlevado, “a ascensão da filosofia tem três causas influentes: a liberdade, o lazer e o maravilhamento.” Ele passou semanas celebrando os gregos: para Palmer, eles eram gênios da dialética e da retórica. Passado o Dia de Ação de Graças, deu uma aula sobre a *República* de Platão; em dezembro, estava discorrendo sobre como o homem era “um ser racional em corpo físico dos sentidos”, sublinhando, como muito fazia, que por “homem” estava referindo-se tanto a homens quanto a mulheres. Fitou sua turma de rapazes de Harvard com olhar severo. “Meninas também são seres humanos”, disse-lhes, “um tema dos mais negligenciados!”¹⁷

A igualdade dos sexos destacava-se entre os compromissos intelectuais e políticos de Palmer. Além disso, era uma forma de ele lembrar sua esposa. George Herbert Palmer, que salvou a vida de Marston, foi padrinho da Liga Masculina de Harvard pelo Sufrágio Feminino.

O movimento sufragista nos Estados Unidos remonta a 1848, quando se deu a primeira convenção sobre os direitos das mulheres em Seneca Falls, Nova York (história que viria a ser contada na revista da Mulher-Maravilha), onde as representantes adotaram uma “Declaração de Sentimentos”, escrita por Elizabeth Cady Stanton, que tinha a Declaração da Independência como modelo: “Consideramos as



Susan não foi presa... Com a determinação de libertar seu sexo da degradação, ela se une a Elizabeth Cady Stanton ao convocar o primeiro encontro dos direitos da mulher em Seneca Falls, em 1848...

“Os negros têm que ser livres, mas ainda existe outra forma de escravidão. Prevalece a ideia de que a mulher é posse de um homem! Muitos dos males e conflitos da sociedade moderna advêm desta relação falsa entre homem e mulher!”

De “Mulheres-Maravilha da história: Susan B. Anthony”, *Wonder Woman* nº 5 (junho-julho de 1943)

seguintes verdades evidentes por si mesmas: que todos os homens e todas as mulheres são criados iguais; que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis; que entre estes estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade.” Entre as exigências estava a de dar às mulheres “admissão imediata aos direitos e às prerrogativas que lhes cabem como cidadãs norte-americanas”.¹⁸

No início do século XX, inspiradas pela sufragista britânica Emmeline Pankhurst, as sufragistas norte-americanas entraram na militância. Em 1903, Pankhurst fundou a União Social e Política das Mulheres. Seu lema era “Fazer em vez de falar”. Ela foi presa por tentar entregar um abaixo-assinado na Câmara dos Comuns. As sufragistas acorrentaram-se à grade de ferro em frente à Downing Street, nº 10. “A condição de nosso gênero é tão deplorável que é nosso dever descumprir a lei para chamar a atenção aos motivos pelos quais fazemos o que fazemos”, Pankhurst insistia.¹⁹ “O incidente das sufragistas que se acorrentaram

às cercas da Downing Street é uma boa alegoria, irônica, do mais moderno dos martírios”, observou G.K. Chesterton, prestando que a tática não teria êxito.²⁰ Ele estava errado.

A Liga Masculina de Harvard pelo Sufrágio Feminino foi constituída na primavera de 1910 por John Reed, então formando, e por um aluno da Escola de Direito de Harvard que fora convertido à causa por Max Eastman, pós-graduando em filosofia na Columbia University que ajudara a fundar a Liga Masculina pelo Sufrágio Feminino de Nova York. No outono de 1911, a Liga Masculina de Harvard pelo Sufrágio Feminino anunciou uma série de palestras. A primeira delas, programada para o dia 31 de outubro, seria proferida por Florence Kelley, que defendia o salário mínimo, uma jornada de trabalho de oito horas e o fim do trabalho infantil. O anúncio provocou rebuliço: mulheres não tinham direito de palestrar em Harvard. Abbott Lawrence Lowell, presidente da universidade, disse que temia “uma



Sufragistas britânicas acorrentadas às grades em frente à Downing Street nº 10, do *Illustrated London News*, 1908



Emmeline Pankhurst sendo presa em frente ao Palácio de Buckingham

multidão de mulheres desfilando pelo nosso pátio”. A liga enviou um abaixo-assinado à Harvard Corporation, que decidiu que Kelley poderia palestrar, mas apenas se a palestra fosse fechada a qualquer pessoa externa à universidade.²¹ A liga concordou. Na palestra, Kelley insistiu que não seria possível tratar das condições da classe operária sem que o direito de voto fosse assegurado às mulheres.²² A corporação, temendo que a universidade fosse vista como defensora dos direitos femininos, exigiu que a liga trouxesse para a palestra seguinte alguém que se opusesse ao voto feminino.²³ Em vez disso, a liga anunciou que sua próxima convidada seria ninguém mais ninguém menos que Emmeline Pankhurst.

Ela estava agendada para fazer sua fala no Teatro Sanders, o maior e mais prestigioso dos salões do campus (com mil assentos). Aterrorizada, a corporação baixou um decreto que impediu que Pankhurst falasse em qualquer lugar do campus, observando que, fora a exceção feita a Kelley, “os salões da universidade não deveriam se abrir para palestras de mulheres”.²⁴

“Harvard tem medo da Sra. Pankhurst?”, questionaram os editores do *Detroit Free Press*. (A resposta era sim.) A notícia virou manchete em todos os Estados Unidos. A maioria dos jornais ficou do lado da liga. “A questão do sufrágio universal agora encontra-se aos olhos do público de forma como nunca esteve em nossa história”, observou o *Atlanta Constitution*. “É tema de um debate legítimo, sobre o qual a mente jovem e ainda em formação exige informações — e tem direito a elas.” O comitê editorial do *New York Times* ficou solitário no apoio à decisão da universidade, tendo como base que “o currículo de Harvard não inclui o sufrágio feminino”.²⁵

Em Cambridge, o voto feminino era assunto geral. “O corpo discente está dividido em dois campos, os ‘sufRAS’ e os ‘antis’”, informou o *New York Times*. “Em salas de aula, salas de reunião, no pátio e na Harvard Union, o sufrágio e a atitude da corporação são os principais tópicos de discussão.”²⁶

A corporação decretara que Pankhurst não poderia palestrar no campus; no entanto, não tinha como impedir que ela palestrasse em Cambridge. A liga anunciou que tomara providências para que a famosa sufragista palestrasse no Brattle Hall, um salão de baile da Brattle Street, nº 40, a uma quadra do Harvard Yard. O editor do *New York Evening Post*, renomado egresso da universidade, exortou o maior número possível de alunos a comparecer “pelo duplo propósito de reparação da lamentável gafe da universidade e para ouvir uma das melhores oradoras de nossos tempos”. A palestra de Pankhurst, realizada na tarde de 6 de dezembro, era aberta apenas a alunos de Harvard e Radcliffe; o ingresso era pago. Virou um tropel: mil e quinhentos alunos em um salão projetado para alocar no máximo quinhentas pessoas. Elas escalavam as paredes e tentavam subir pelas janelas. Quase acabou em tumulto.²⁷

Pankhurst provou-se austera como sempre. “O rapaz mais ignorante, que nada sabe das necessidades femininas, considera-se um legislador competente apenas por ser homem”, disse ela à multidão, fitando os homens de Harvard. “Esta atitude aristocrática é errada.”²⁸

Marston estava fascinado, emocionado, distraído. Com a revolução acontecendo bem à sua porta, ele não tinha como dar bola para a Idade Média do professor Haskins. “Estávamos nas provas do meio do ano quando decidi por abrir mão de minha própria existência”, explicou. Contudo, pensou que deveria prestar os exames, “para ver o quanto estava indo mal”.²⁹

No dia da prova de Filosofia A, George Herbert Palmer entregou as questões à turma, assim como um conselho: “Um acadêmico aborda uma tarefa em prol de si mesmo, não de outrem, como faz o menino na escola.”³⁰

Marston levou a proposição a sério. Gabaritou a prova. Palmer, que raramente dava a nota máxima, deu um A a Marston.³¹

William Moulton Marston, aos 18 anos, decidiu não engolir o frasco de cianureto. Porém, nunca se esqueceu daquele momento, nem de Emmeline Pankhurst e das correntes de que ela falava. Três décadas depois, quando Marston criou uma super-heroína que luta pelos direitos



Dr. Veneno. De “Dr. Veneno”, *Sensation Comics* nº 2 (fevereiro de 1942)

femininos (“Mulher-Maravilha, Mulher-Maravilha! Ela vai deixar o mundo dos homens de pernas pro ar!”), a única fraqueza desta é que ela perde toda a força se um homem acorrentá-la. E o primeiro vilão que ela enfrenta é um químico que dizem estar produzindo uma bomba de cianureto. O nome dele é Dr. Veneno.³²